

UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM EDITORIAIS DE JORNAIS

*Socorro Cláudia Tavares de Sousa**

INTRODUÇÃO

O estudo da argumentação no discurso jornalístico tem sido objeto de várias pesquisas acadêmicas. Dentre elas pode-se destacar Gavazzi *et al.* (1996), Oliveira (1996), Ribeiro (2003) dentre outros. Especificamente em editoriais de jornais, vale ressaltar as pesquisas de Brito (1994) e Nascimento (1999). Contudo, observa-se uma lacuna no que diz respeito à distribuição das informações em editoriais de jornais. Nesse sentido, apoiando-se no suporte teórico de Swales (1990), o presente trabalho tem como objetivo investigar quais as estratégias de organização das informações em editoriais de jornais em função da natureza argumentativa do gênero.

Utilizou-se de um *corpus* constituído de 60 (sessenta)¹ editoriais de jornais selecionados aleatoriamente de cinco jornais na versão *on-line* no período de dezembro de 2002 a março de 2003, sendo cada jornal de uma região diferente do Brasil. Um dos critérios para a seleção dos jornais foi o fato de estes integrarem a lista do IVC (Instituto Verificador de Circulação) e estarem classificados entre os quarenta jornais mais lidos do Brasil. Um outro critério é o de acessibilidade², ou seja, através da *internet* foi mais fácil ter acesso ao *corpus*. Assim, foram selecionados cinco jornais de cada uma das regiões do Brasil, a saber: “O Povo” em Fortaleza, “O Liberal” em Belém, “Jornal do Brasil” no Rio de Janeiro, “Correio do Povo” em Porto Alegre e “Correio Brasiliense” em Brasília.

A organização retórica deste artigo está distribuída em três seções, sem incluir a introdução e as considerações finais. Na primeira seção apresentar-se-á o conceito de gênero de Swales (1990), na segunda seção o modelo CARS (*Create a Research Space*) e na terceira seção apresentar-se-ão os resultados obtidos no tratamento de dados, descrevendo-se uma proposta heurística de descrição da organização retórica do gênero em estudo.

1 A CONCEPÇÃO DE GÊNERO EM SWALES

A concepção de Swales (1990) sobre gêneros embute uma noção de que a linguagem é uma forma de ação entre sujeitos, tendo, portanto, uma natureza social. Sua proposta se desenvolve a partir de três elementos-chave que estão entrelaçados: comunidade discursiva, gênero e tarefa de aprender línguas. Contudo, para os fins desta pesquisa, serão destacados apenas o conceito de gênero e o modelo CARS (*Create a research space*), que será testado na análise de editoriais de jornais.

Para tratar de gênero, Swales (1990) faz uma retrospectiva do conceito nas diversas áreas do conhecimento, ou seja, em estudos folclóricos, em estudos literários, em lingüística e

* Mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Ceará e professora da Universidade Estadual do Ceará.

¹ Justifica-se a quantidade de 60 (sessenta) editoriais por se considerar que é um número razoável capaz de levar a resultados consistentes na abordagem indutiva.

² O critério de acessibilidade para a seleção de *corpus* já foi utilizado por alguns pesquisadores, tais como: Motta-Roth (1995) e Bezerra (2001).

em retórica. Dessa pesquisa em quatro disciplinas diferentes, Swales (1990, p. 44-45) indica pontos em comum sobre o conceito de gênero:

1. uma desconfiança nas classificações e no prescritivismo prematuro;
2. um sentido de que os gêneros são importantes para integrar o passado e o presente;
3. um reconhecimento de que os gêneros são situados dentro das comunidades discursivas, dentro das quais as crenças e a denominação das práticas dos membros que possuem relevância;
4. uma ênfase sobre o propósito comunicativo e a ação social;
5. um interesse na estrutura genérica (e sua base lógica);
6. uma compreensão da dupla capacidade dos gêneros – para estabelecer metas retóricas e para favorecer a conquista.

Nessa perspectiva, a explicitação de seu conceito de gênero perpassa necessariamente por seis aspectos:

► *Um gênero é uma classe de eventos comunicativos* – Evento é aqui compreendido como um ato comunicativo verbal no qual o aspecto verbal é uma parte essencial da atividade³. Os eventos comunicativos podem ser extremamente comuns ou até relativamente raros, contudo, precisam ter uma certa importância para poder se configurarem como um gênero. Nesse sentido, um evento comunicativo ajusta sua linguagem ao meio ambiente de sua produção e de sua recepção.

► *A principal característica que transforma uma coletânea de eventos comunicativos em um gênero é um certo conjunto compartilhado de propósitos comunicativos* – Os propósitos compartilhados têm um papel determinante na identificação do gênero, mais do que a forma ou outros critérios. Como os gêneros são eventos comunicativos, a conquista de metas é um critério principal. Porém, se em alguns gêneros é fácil identificar os propósitos, em outros isso pode ser uma tarefa complicada. Como exemplo Swales (1990) cita os propósitos comunicativos de gêneros como poemas e outros gêneros literários em que não se aplica o critério do propósito comunicativo. Ao contrário, notícias de jornal podem informar, como também “moldar” a opinião pública. Na realidade, esse exemplo revela que os gêneros possuem conjuntos de propósitos comunicativos.

► *Exemplares de gênero variam em sua prototipicidade* – Swales (1990) considera que os gêneros variam em sua prototipicidade, ou seja, alguns podem ser mais representativos de uma dada categoria e conseqüentemente mais fáceis de serem identificados, enquanto outros podem ser menos representativos e conseqüentemente mais difíceis de serem identificados. Essa afirmação de Swales relaciona-se à noção de protótipo de Rosch (1975, 1978 *apud* SWALES, 1990) que estabelece a existência de características ou propriedades que têm uma certa probabilidade para serem incluídas em uma dada categoria.

► *A base lógica que subjaz a um gênero estabelece restrições para contribuições possíveis em termos de seu conteúdo, posicionamento e forma* – O conjunto compartilhado de propósitos comunicativos, em nível de consciência, é reconhecido pelos membros estabelecidos de uma dada comunidade discursiva, ao passo que pode ser reconhecido apenas

³ Para Swales (1990), atividades nas quais a fala é incidental como realizar atividades caseiras e dirigir, por exemplo, não são considerados eventos comunicativos.

parcialmente por membros aprendizes, e pode ser ou não reconhecido por não-membros. Para Swales (1990), o reconhecimento de propósitos comunicativos evidencia a existência de uma base lógica que produz convenções restritivas referentes à estrutura esquemática do discurso, às escolhas sintáticas e lexicais, a atitudes e aos posicionamentos que se esperam diante dos propósitos.

► *Uma nomenclatura de gêneros de uma comunidade discursiva é uma fonte de entendimento importante* – Como consequência de um maior engajamento dos membros ativos de uma dada comunidade discursiva⁴, esses membros tendem a possuir um grande domínio de gêneros específicos e uma das consequências disso é que eles costumam dar nomes aos eventos comunicativos que eles reconhecem como ações retóricas recorrentes. Contudo, Swales (1990) adverte que a nomenclatura de gêneros criada pelos membros da comunidade discursiva pode levar a três situações: um mesmo gênero pode mudar de nome porque se realiza num cenário X ou Y; as ações que caracterizam um gênero já se modificaram enquanto sua nomenclatura é a mesma; e há ainda a possibilidade de haver gêneros sem nome.

A partir desses seis aspectos, Swales (1990, p. 58) define gênero como:

Uma classe de eventos comunicativos em que os membros da comunidade discursiva compartilham o mesmo conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva e dessa forma passam a constituir o fundamento do gênero. Esse fundamento modela a estrutura esquemática do discurso e limita a escolha de conteúdo e estilo.

Essa concepção de gênero de Swales (1990) fundamentou a abordagem discursiva na análise de organização textual argumentativa dessa pesquisa. A noção de propósito comunicativo, por sua vez, sedimentou a busca pelas informações que preencheram as unidades e subunidades retóricas no gênero em estudo. Na seção a seguir será apresentado o modelo CARS de Swales (1990) que devidamente adaptado ao *corpus* desta pesquisa permitiu o rastreamento das unidades retóricas recorrentes em editoriais de jornais.

2. O MODELO CARS

O modelo de análise de gêneros proposto por Swales (1990) parte do princípio de que é possível reconhecer a organização retórica do gênero a partir da distribuição das informações no texto. Nessa perspectiva, cabe ao analista a tarefa de identificar quais informações são recorrentes e como estão distribuídas nos exemplares do gênero em estudo, a fim de descrever uma organização retórica relativamente convencional. A percepção de Swales sobre uma organização retórica recorrente em gêneros textuais se deu a partir do exame de 48 (quarenta e oito) exemplares de artigos de pesquisa em várias áreas do conhecimento (ciências físicas e biológicas, ciências sociais e lingüística) e, posteriormente, sua pesquisa foi estendida com a

⁴ Segundo Swales (1992, p. 15), “as comunidades de discurso são rede sócio-retóricas que se formam para trabalhar em direção a conjuntos de metas em comum. Uma das características que membros estabelecidos da comunidade de discurso possuem é a familiaridade com os gêneros particulares que são usados no auxílio comunicativo daqueles conjuntos de metas. Em consequência, os gêneros são as propriedades de comunidades de discurso; ou seja, os gêneros pertencem à comunidade de discurso, não à indivíduos, outros tipos de agrupamento ou a comunidades maiores de fala.”.

análise de 110 (cento e dez) introduções de artigos de pesquisa. Sua análise levou à constatação de que as introduções de tais artigos guardavam notáveis semelhanças na forma como organizavam a informação.

Essa constatação levou Swales (1990) a engendrar um modelo de análise baseado em *moves* e *steps*. O termo *moves* refere-se às informações recorrentes e o termo *steps* às estratégias retóricas utilizadas na realização dessas informações recorrentes. Como a tradução desses termos não encontrou na Língua Portuguesa um termo similar satisfatório, vários estudiosos adotaram outros termos. Nesse sentido, pode-se citar a utilização de “movimento” e “sub-movimento” em Santos (1995), “movimento” e “sub-função” em Motta-Roth e Hendges (1996) e “unidades e subunidades retóricas” em Biasi-Rodrigues (1998). Ressalta-se que a terminologia adotada na presente pesquisa foi a mesma adotada por Biasi-Rodrigues (1998).

A definição de unidade e subunidade retórica é fundamental para a compreensão do modelo de Swales (1990). Segundo Biasi-Rodrigues (1998, p. 125):

Uma **unidade retórica** é reconhecida como uma unidade de conteúdo informacional dentro de uma estrutura hierárquica de distribuição das informações na arquitetura física do texto, com algumas formas opcionais de apresentação, que podem ocorrer combinadas ou não, à escolha do autor. Essas escolhas ou mecanismos de condução das informações em cada unidade básica são denominadas, por sua vez, de **subunidades retóricas**.

Segundo Biasi-Rodrigues (1998), as unidades e subunidades retóricas referem-se a segmentos de informação delimitados na estrutura formal do texto, porém não se excluem os componentes estratégico-cognitivos e pragmáticos que estão envolvidos na produção e recepção de gêneros textuais.

O modelo de Swales (1990) ficou conhecido pela sigla CARS (*Create a research space* - crie um espaço para a pesquisa). Através desse modelo, é possível constatar que cada gênero tem seu propósito comunicativo que se materializa por movimentos discursivos ou retóricos e que cada movimento retórico também serve a uma intenção comunicativa que por sua vez é subserviente ao propósito comunicativo global. Swales (1990) adverte sobre a possibilidade de haver variação na ordem em que possam aparecer os movimentos (*moves*) e os passos (*steps*). Explica também que a existência dos conectivos “e/ou” no espaço entre as linhas diz respeito a uma estratégia retórica opcional (ou) ou obrigatória (e) dentro de cada bloco de informação. Essa variação não implica a descaracterização do gênero, haja vista a flexibilidade dos gêneros, inclusive dos mais formatados. Esse modelo está ilustrado na Figura 1.

O modelo CARS de Swales (1990) ficou solidamente estabelecido na academia, devido à possibilidade de sua adaptação à análise de outros gêneros. Daí se reconhecer a contribuição de Swales na compreensão do funcionamento da língua escrita em vários gêneros acadêmicos, tais como: Motta-Roth (1995) e Araújo (1996) em resenhas de livros acadêmicos; Santos (1995) em resumos de artigos de pesquisa em inglês; Motta-Roth e Hendges (1996) em resumos de artigos de pesquisa em três áreas diferentes; Biasi-Rodrigues (1998) em resumos de dissertação de mestrado; e Bezerra (2001) em resenhas acadêmicas. Especificamente nos gêneros do domínio jornalístico, vale ressaltar o trabalho desenvolvido por Silva (2002) que procurou diferenciar a notícia de reportagem a partir da análise da distribuição das informações.

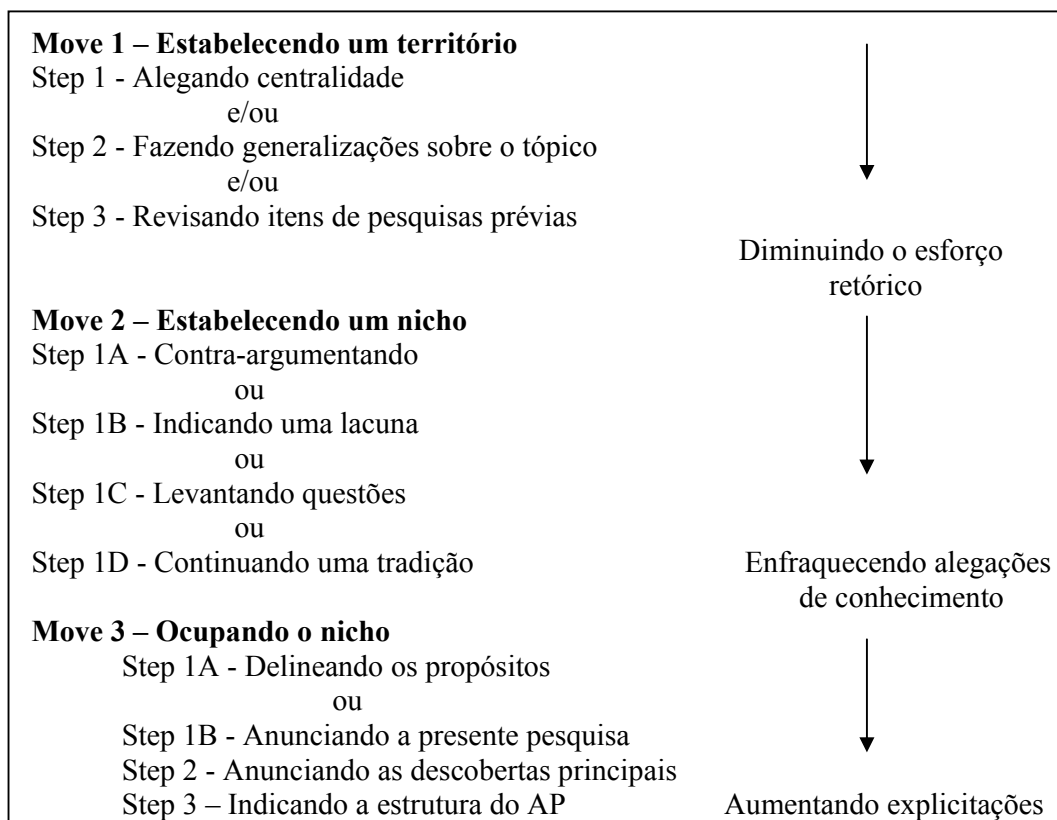


Figura 1 – Modelo CARS

Fonte: Swales (1990, p. 141). Tradução de Biasi-Rodrigues (1998, p.26)

Como o modelo tem-se mostrado produtivo também na descrição de gêneros não acadêmicos, fez-se uma adaptação dele na análise do editorial com o objetivo de descrever a organização retórica argumentativa em editoriais de jornais.

3. A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DE EDITORIAIS DE JORNAIS

A descrição proposta nesta seção fundamenta-se numa análise que emerge do trato com os dados, evitando-se, portanto, um caráter prescritivo. A apresentação dessa proposta está fundamentada no modelo CARS de Swales (1990), como também no índice de ocorrência do movimento argumentativo, se progressivo (dados-clonclusão) ou regressivo (conclusão-dados), e nas informações referentes à estrutura composicional de editoriais em Nascimento⁵ (1999) e em Lage⁶ (2003).

Essa afirmação se justifica pelo fato de que em outras pesquisas que tratavam da distribuição das informações em diversos gêneros textuais, este era o tratamento dado aos

⁵ Segundo Nascimento (1999, p. 141) a macroestrutura dos editoriais do jornal do Brasil tem a seguinte forma: 1. Fato: elemento de grande poder persuasivo por ser inquestionável; 2. Argumento: 3. Tese: constituinte revelador da intenção argumentativa do editorialista, por isso essencial à persuasão.

⁶ Lage (2003) apresenta de maneira sintética uma certa indicação da maneira usual de elaborar editoriais. Segundo o autor, editoriais devem ser constituídos de três partes: uma exposição, espaço em que expõe um registro noticioso de um fato ou uma seqüência de fatos; uma interpretação, espaço em que se expõe outros fatos buscando traçar uma relação com o(s) primeiros(s); e por último uma opinião, espaço em que o editorialista pode expor o ponto de vista da empresa jornalística.

textos que compunham os diversos *corpora*. Contudo, os percentuais obtidos na análise dos dados revelaram que se fazia necessária a adoção de outros procedimentos que garantissem, com maior segurança, a proposição de um “padrão” de organização retórica para editoriais.

3.1 DEFINIÇÃO DAS UNIDADES E SUBUNIDADES RETÓRICAS

A análise do *corpus* permitiu que se chegasse à apresentação de um “padrão” de regularidades revelado em editoriais de jornais, porém a percepção desse “padrão” não impediu de verificar uma diversidade na forma de apresentar as informações em cada unidade. Contudo, as similaridades na distribuição das informações nos editoriais analisados tornaram possível a apresentação de uma proposta de organização retórica para editoriais de jornais de caráter heurístico que está reproduzida no quadro abaixo:

<p>Unidade retórica 1 – Contextualização do tema⁷ Subunidade 1.1 – Apresentando uma informação introdutória e/ou Subunidade 1.2 – Esclarecendo uma informação (e) Unidade retórica 2 – Argumentação sobre a tese Subunidade 2.1 – Argumentando convergentemente e/ou Subunidade 2.2 – Argumentando divergentemente (e/ou) Unidade 3 – Indicação da posição do jornal</p>
--

Quadro 1 – A organização retórica de editoriais de jornais

Convém ressaltar que a organização retórica em editoriais apresentada no quadro acima apresenta uma opcionalidade e/ou entre as unidades. Essa percepção revela uma adaptação do modelo CARS (SWALES, 1990) para o gênero editorial de jornal, haja vista o autor considerar a realização dessa opcionalidade somente entre as subunidades de uma mesma unidade⁸.

Unidade Retórica 1 – Contextualização do tema

A unidade retórica 1 (Un1) recebe esse nome porque é o espaço que o editorialista tem para contextualizar o leitor apresentando uma informação relacionada com a temática, mas que não se constitui argumento da tese. Essa contextualização pode ocorrer de diferentes formas, isto é, através da realização de uma ou duas subunidades concomitantes ou não.

Subunidade 1.1 – Apresentando uma informação introdutória

A subunidade 1.1 tem como função retórica apresentar uma informação que possibilite a introdução da argumentação. Seu conteúdo proposicional pode ser realizado a partir da

⁷ Esclarece-se que se adotou o mesmo processo de nomeação das unidades e subunidades retóricas de Biasi-Rodrigues (1998). Para as unidades retóricas foram utilizadas expressões nominais e as subunidades retóricas expressões predicativas com o verbo no gerúndio. Segundo a autora essa forma de nomeação evidencia “uma clara divisão entre o produto e o processo, considerando-se que nem tudo pode fazer parte de um esquema de representação de um dado tipo de texto e que as estratégias de condução das informações podem variar de sujeito para sujeito” (BIASI-RODRIGUES, 1998, p. 121).

⁸ A opcionalidade das unidades retóricas foi inicialmente apresentada por Silva (2002) na descrição da organização retórica dos gêneros notícia e reportagem.

apresentação de um fato ou acontecimento da atualidade, de dados estatísticos, dentre outros. É através do conteúdo dessa unidade que se pode iniciar a discussão da tese. Considera-se, portanto, um ponto de partida para a argumentação.

Subunidade 1.2 – Esclarecendo uma informação

A subunidade 1.2 tem a função de esclarecer uma informação mencionada no início do texto editorial com o objetivo de contextualizar o leitor da temática que será abordada. Pode-se afirmar que o conteúdo dessa unidade é mais específico, isto é, apresenta ao leitor maiores detalhes sobre o que está sendo abordado no texto editorial.

Unidade Retórica 2 – Argumentação sobre a tese

A unidade retórica 2 (Un2) recebe esse nome porque é o espaço que tem o editorialista para convencer o leitor. Os argumentos utilizados pelo editorialista podem ser apresentados de diversas formas, tais como: fatos, exemplos, citações, dados estatísticos, dentre outros. Assim, os recursos lingüísticos utilizados são bastante diversificados.

Acredita-se que por ser o espaço do convencimento e de apresentação de razões que fundamentem determinado ponto de vista, essa unidade seja a mais extensa. É na elaboração da Un2 que o editorialista demonstra o seu conhecimento de mundo sobre o assunto, de modo a construir argumentos contundentes que levem o leitor a se convencer de sua tese. Em muitos editoriais, os jornalistas utilizam-se de informações precisas como dados estatísticos de pesquisas, por exemplo. Uma outra estratégia do editorialista é a utilização das vozes de autoridades para fortalecer sua argumentação.

Nesta unidade, podem aparecer simultaneamente ou não duas subunidades, que foram denominadas como: argumentando convergentemente (Sub 2.1) e argumentando divergentemente (Sub 2.2).

Subunidade 2.1 - Argumentando convergentemente

Essa subunidade tem a função de apresentar os argumentos pró-tese, de modo a fundamentar o ponto de vista apresentado pelo editorialista. É nesta unidade que o jornalista expõe opiniões de autoridades, dá exemplos, apresenta dados estatísticos, enfim as informações que aparecem nessa unidade devem levar o leitor a ficar convencido de que a posição apresentada pelo editorialista é a adequada.

Subunidade 2.2 - Argumentando divergentemente

Essa subunidade tem o papel de apresentar argumentos que são contrários ao ponto de vista defendido pelo editorialista. Esclarece-se que a presença de argumentos divergentes representa de uma certa forma um reforço à tese, na medida em que possibilita ao editorialista apresentá-los para depois vê-los cair por terra com a utilização de argumentos mais fortes. Daí se pode considerar que os argumentos divergentes contribuem indiretamente para a tese.

Unidade Retórica 3 – Indicação da posição do jornal

Esta unidade recebe esse nome porque apresenta a posição da empresa jornalística. Poder-se-ia dizer que a Un3 representa a conclusão, o fecho de toda a argumentação do editorial, isto é, todas as outras unidades convergem para ela. Essa unidade tem a possibilidade de não vir expressa. Nesse caso, cabe ao leitor inferir a partir dos argumentos apresentados qual o ponto de vista defendido pela empresa jornalística.

A seguir apresentar-se-á um exemplar de editorial que apresenta as três unidades retóricas distribuídas na posição indicada pelo “padrão” de organização retórica proposto para editoriais de jornais. As unidades retóricas foram definidas por cor: a Un1 está em azul, a Un2 está em preto e a Un3 está em vermelho.

Situação Delicada

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva terminou o primeiro mês de governo com 83% de apoio popular e ferrenha oposição – de poucos, mas bastante barulhenta – dentro do próprio partido, o PT. [Sub. 1.1] A contradição, até aqui sem maiores conseqüências, terá nova dimensão de hoje em diante.

Esta semana é de negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Na próxima segunda-feira, o novo Congresso, eleito em outubro do ano passado, começa a trabalhar. As reformas estruturais, fundamentais para o sucesso do governo, estarão em foco. E o apoio de seus partidários é o ponto de partida mínimo que o presidente precisa para mudar o país.

O PT, portanto, tem pouco tempo para se acertar. A história da legenda, que completa 23 anos nesta terça-feira, é de intensa disputa interna entre facções e tendências. Mas também de respeito à decisão da maioria. O partido não pode tornar-se indisciplinado justamente quando chega ao poder.

Os compromissos da campanha de Lula foram claramente explicitados em sua Carta ao Povo Brasileiro, divulgada em 22 de junho do ano passado, três meses antes do primeiro turno das eleições. Ali o candidato prometeu manter a estabilidade e cumprir contratos. Os que agora cobram dele postura diferente da apresentada de duas, uma: não votaram ou não acreditaram nele. Também estava claro que o governo seria mais amplo que o PT. Afinal, o vice-presidente, o empresário mineiro José de Alencar, é do Partido Liberal. Na última semana, os radicais petistas agravaram as provocações ao governo. O deputado João Babá (PA) apelou para a grosseria ao dizer que nem como médico confia no ministro da Fazenda, Antonio Palocci, formado em medicina. Suspeita-se, ainda, que Palocci tenha sido grampeado pelos rebeldes em reunião fechada com a bancada do partido na Câmara. No caso, o tiro errou o alvo. O ministro foi inflexível na defesa do programa de governo, que, segundo ele, não foi feito apenas para ganhar a eleição, mas para governar.[Sub.2.1] Com o recrudescimento de sua ação, os rebeldes se tornam mais que uma preocupação para o PT. Embora poucos — somam 35 entre os 91 deputados do partido e quatro dos 14 senadores —, eles podem comprometer a aprovação das reformas tributária e previdenciária, pretendidas ainda para este ano. No mínimo, deixam delicada a situação do governo, que, antes de negociar apoios no Congresso, se verá diante do constrangimento de ter que explicar por que não convence sequer os próprios aliados. (Correio Brasiliense, 11/02/2003)

O presente editorial representa um exemplar considerado típico segundo o “padrão” de organização retórica proposto a partir da análise dos dados, haja vista apresentar a Un1 na primeira posição, a Un2 na segunda posição e finalmente a Un3 na última posição. A Un1 (contextualização do tema) materializa-se a partir da realização da Sub 1.1 (apresentando uma informação introdutória). As informações contidas nessa subunidade possibilitam ao leitor adentrar-se no universo de argumentos da Un2 (argumentação sobre a tese). Pode-se afirmar que é a Un1 que possibilita a contextualização do leitor sobre o assunto que será discutido. A apresentação de um fato noticioso (índice de popularidade do presidente) é a porta de entrada para a argumentação propriamente dita que é apresentada na Un2.

A Un2 (argumentação sobre a tese) apresenta somente a realização da Sub 2.1

(argumentando convergentemente). Essa ocorrência lingüística é bastante comum nos editoriais analisados. Os argumentos apresentados interpretam o percentual de oposição do governo Lula em seu primeiro mês de governo.

A unidade retórica 3 (Un3), por sua vez, expressa com bastante clareza a opinião defendida pela empresa jornalística de que os rebeldes do PT colocam o partido numa “situação delicada” de modo a comprometer a governabilidade do país.

Na seção a seguir serão apresentadas com maiores detalhamentos as regularidades que possibilitaram a construção do “padrão”, como também a flexibilidade com que as unidades retóricas materializaram-se nos editoriais analisados.

3.2 PADRONIZAÇÃO E FLEXIBILIDADE NA DISTRIBUIÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Ao analisar o *corpus* foi possível evidenciar similaridades na organização das informações em editoriais de jornais. A análise dessas similaridades propiciou a apresentação de um “padrão” de organização retórica para editoriais de jornais. Por outro lado, também se observou uma grande flexibilidade na organização das informações. Nesse sentido, o exercício de análise implicou uma relativização dos dados, visto que não se pretendeu, em momento algum, enquadrá-los ao modelo proposto. Conforme Biasi-Rodrigues (1998, p. 145): “(...) nem o modelo cobre todas as nuances dos dados, nem os dados podem ser moldados artificialmente para caber na forma (leia-se fôrma).” Nesse sentido, detectou-se no *corpus* imbricamentos, ciclicidades⁹, ausência de unidades retóricas, enfim uma variedade de formas de conduzir as informações em editoriais de jornais.

Do conjunto dos textos analisados, encontrou-se em 58,33% do *corpus* editoriais constituídos de três unidades retóricas. Esse percentual indica a frequência de aparecimento das Un1, Un2 e Un3 constituindo a estrutura composicional em editoriais de jornais, independente da posição em que se realizem essas três unidades retóricas. Por outro lado, os percentuais de ocorrência das unidades retóricas em diversas posições indicaram uma maior recorrência da Un2 (argumentação sobre a tese) sobre as outras unidades em praticamente todas as posições. Essa constatação levou à proposição de um “padrão” de organização textual que não tomou como base somente os índices de frequência das unidades retóricas, haja vista esse procedimento metodológico não ter se revelado suficientemente seguro para garantir a proposição de um “padrão” de organização retórica para editoriais de jornais. A Tabela 1 abaixo comprova essa afirmação:

	1ª Posição		2ª Posição		3ª Posição	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Un1	33	55%	04	6,66%	02	3,33%
Un2	33	55%	30	50%	33	55%
Un3	08	13,33%	29	48,33%	20	33,33%

Tabela 1 – Distribuição das unidades retóricas na posição de ocorrência

Embora a tabela apresente as ocorrências das unidades retóricas em três posições, convém ressaltar que a condução das informações em editoriais chegou a ocupar até a décima posição. Contudo, a partir da quarta posição, o mais freqüente é o aparecimento da Un3 (indicação da posição do jornal) ou da Un2 (argumentação sobre a tese), isto é, há uma

⁹ Esse mecanismo discursivo de condução de informações foi apresentado inicialmente por Swales (1990) e consiste na apresentação alternada das mesmas unidades retóricas.

relação de concorrência entre as duas unidades¹⁰. Provavelmente, esse fenômeno seja resultado da ciclicidade com que essas unidades se apresentam nos editoriais analisados. É também possível afirmar que a Un2 (argumentação sobre a tese) é indispensável na construção do editorial, pois ela tem uma grande representatividade em praticamente todas as posições.

Os dados expostos na Tabela 1 acima demonstram que somente na primeira posição a Un1 (contextualização do tema) alcançou os mesmos índices da Un2 (argumentação sobre a tese). Esses percentuais geraram o questionamento de que esse procedimento metodológico não se adequou à identificação da organização retórica de editoriais de jornais. Daí a idéia de se propor um “padrão” de organização retórica de caráter heurístico. Para a elaboração desse “padrão”, fez-se necessário também considerar o movimento argumentativo dos editoriais: se progressivo (dados-conclusão) ou se regressivo (conclusão-dados)¹¹.

Como foi constatado que mais da metade do *corpus*, 58,33%, era constituído de três unidades retóricas, foi possível definir que o “padrão” que seria proposto na presente pesquisa possuísse as três unidades. Um segundo passo foi a identificação da ordem de aparecimento dessas três unidades retóricas. A Tabela 1 revela que a Un1 (contextualização do tema) apresentou uma maior frequência na primeira posição, respectivamente, 55%, nas demais posições o percentual de ocorrência foi considerado relativamente baixo, ou seja, 6,66% na segunda posição e 3,33% na terceira posição. Nas demais posições não houve a realização da Un1 (contextualização do tema). Esses dados aliados às informações apresentadas por Lage (2003) de que o início do editorial deve conter a apresentação de um fato mais a definição da função comunicativa da Un1, possibilitou o estabelecimento da Un1 (contextualização do tema) ocupando a primeira posição.

A decisão de a Un3 (indicação da posição do jornal) ocupar a terceira posição baseou-se na observação de aparecimento da tese. A Tabela 2 abaixo apresenta em que posição há uma maior recorrência da Un3 (indicação da posição do jornal):

	Somente no começo do editorial		Somente no fim do editorial		Repetidas vezes		Somente no meio do editorial	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Un3 (indicação da posição do jornal)	10	17,54%	23	40,35%	22%	38,59%	02	3,50%

Tabela 2 – Índice da posição de ocorrência da Un3 (indicação da posição do jornal) em editoriais de jornais

Considerando que apenas 5% dos editoriais analisados caracterizaram-se por apresentar a tese implícita, os percentuais indicaram que a ocorrência da Un3 (indicação da posição do jornal) no final do texto é a posição em que seu aparecimento é mais recorrente. Essa decisão ampara-se também nas constatações de Lage (2003) e de Nascimento (1999) que afirmam que a tese em editoriais de jornais costuma aparecer no final do texto.

¹⁰ A partir da terceira posição há uma recorrência da Un2 e da Un3. A tabela abaixo apresenta os índices de ocorrência dessas duas unidades retóricas:

	4ª posição		5ª posição		6ª posição	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Un2	22	36,66%	14	23,33%	07	11,66%
Un3	15	25%	08	13,33%	04	6,66%

¹¹ A denominação “movimento progressivo e regressivo” é oriunda de Adam (1992) que sugere essas duas possibilidades de organização textual ao apresentar seu protótipo de seqüência argumentativa.

Um outro aspecto que merece ser apresentado é o índice de ocorrência das unidades e subunidades retóricas. A Tabela 3 permite visualizar uma frequência obrigatória da unidade retórica 2, uma presença quase constante da unidade retórica 3 e uma opcionalidade da unidade retórica 1. Apesar de serem consideradas unidades que podem materializar-se ou não nos editoriais, as unidades 1 e 3 apresentaram um índice de frequência bastante considerável, respectivamente 58,33% e 95%.

UNIDADES E SUBUNIDADES RETÓRICAS (%)	
Un1 (contextualização do tema)	58,33%
Sub 1.1 (apresentando uma informação introdutória)	55%
Sub 1.2 (esclarecendo uma informação)	13,33%
Un2 (argumentação sobre a tese)	100%
Sub 2.1 (argumentando convergentemente)	100%
Sub 2.2 (argumentando divergentemente)	40%
Un3 (indicação da posição do jornal)	95%

Tabela 3 – Distribuição das unidades e subunidades retóricas

A análise desse percentual permite verificar que a composição de base de textos considerados argumentativos é estruturada essencialmente a partir da relação entre argumentos e tese. A presença maciça da Un2 (argumentação sobre a tese) revela que ela está diretamente relacionada à presença explícita ou implícita de um dado ponto de vista. Nesse sentido, excluindo-se 5% do *corpus* em que a tese apareceu de forma implícita, a ocorrência de 95% da Un3 (indicação da posição do jornal) reforça a estrutura de base (argumentos- tese) de textos argumentativos.

Nessa perspectiva, a ocorrência de 58,33% da Un1 (contextualização do tema) revela que o espaço do editorial é especificamente destinado à apresentação de argumentos e de tese. A opcionalidade de contextualizar o leitor através da Un1 não é uma estratégia obrigatória, tendo em vista o propósito comunicativo do gênero que é imprimir a opinião da empresa jornalística sobre um dado assunto da atualidade. Daí ter se verificado um percentual relativamente baixo da Sub. 1.2 (esclarecendo uma informação). Mesmo a Un1 (contextualização do tema) tendo se materializado em 58,33% do *corpus*, seu principal propósito foi apresentar um ponto de partida para a argumentação.

A Tabela 3 também evidencia que a Sub 1.2 (esclarecendo uma informação) foi a que apresentou uma menor frequência de aparecimento (13,33%), provavelmente esse índice se justifique pelo fato de que o espaço do editorial é mais predominantemente de apresentação de argumentos do que de esclarecimentos.

Sobre a unidade retórica 2, pode-se verificar que apesar da realização de 100% da Sub. 2.1 (argumentando convergentemente), a realização de 40% da Sub. 2.2 (argumentando divergentemente) revela que o editorial de jornal é um espaço no qual há um embate de vozes que se opõem. Uma análise quantitativa revelou, em alguns editoriais, uma desconstrução dos argumentos divergentes pelos convergentes. Nesse sentido, o argumentador admitia a apresentação de argumentos opostos à tese para posteriormente minimizar-lhes a importância.

Nascimento (1999), fundamentada na teoria de Patrick Charadeau, ao analisar a estrutura argumentativa de dez editoriais do Jornal do Brasil, verificou que apenas um editorial apresentou a realização desse movimento argumentativo (aqui considerado Sub 2.2 e para a referida autora concessão).

Considera-se relevante comentar sobre os imbricamentos¹² que apareceram nos editoriais analisados, haja vista esse mecanismo discursivo constituir-se em uma das formas escolhidas pelo editorialista para conduzir as informações em editoriais de jornais. No *corpus* analisado, ocorreram imbricamentos com maior frequência nas unidades 2/3 (um total de 15), depois nas unidades 1/2 (um total de 13) e uma frequência menor nas unidades 1/3 (um total de 03). Verificou-se também que na primeira posição todos os casos de imbricamento apresentavam a Un1 (contextualização do tema) imbricada ora com a Un2 (argumentação sobre a tese), ora com a Un3 (indicação da posição do jornal). Nas demais posições, os imbricamentos ocorriam com mais frequência entre as unidades 2 e 3.

Uma outra ocorrência também presente nos editoriais é a ciclicidade de informações, ou seja, uma alternância no aparecimento das mesmas unidades retóricas. Nos editoriais analisados, o fenômeno da ciclicidade sempre ocorreu com as unidades retóricas 2 e 3. Esse fator, na maioria dos editoriais revelava a recorrência da Un3 (indicação da posição do jornal) como forma de reforçar o ponto de vista defendido pela empresa jornalística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise exaustiva dos exemplares do *corpus* possibilitou uma formalização heurística da estrutura composicional de editoriais de jornais baseados em três unidades retóricas. Conclui-se aqui que a distribuição das informações em editoriais de jornais se dá em função da natureza argumentativa do gênero, haja vista a Un1 (contextualização do tema) e, principalmente, a Un2 (argumentação sobre a tese) se constituírem em função da Un3 (indicação da posição do jornal).

O modelo CARS de Swales (1990) mostrou-se apropriado para dar conta da existência das unidades e subunidades retóricas, contudo o percentual de ocorrências das unidades em diversas posições não foi suficientemente seguro para descrever um “padrão” de organização retórica, tendo em vista a prevalência da Un2 (argumentação sobre a tese) em quase todas as posições, exceto na primeira posição em que houve também uma recorrência da Un1 (contextualização do tema). Nesse sentido, fez-se necessário apoiar-se em outros critérios, tais como a análise do percentual de ocorrência da tese (Un3), se no início ou no final do editorial, como também se apoiou nas informações apresentadas por Lage (2003) que indicam que a opinião da empresa jornalística é, geralmente, apresentada no final do editorial, e por Nascimento (1999) que verificou a realização da tese também no final do editorial em 90% de seu *corpus*.

Esclarece-se que a proposição de um “padrão” de organização retórica para editoriais de jornais não tem um caráter prescritivo, até porque os dados revelaram muitas variações nas modalidades de conduzir as informações, comprometendo a identificação de um protótipo de organização retórica baseado somente no índice de ocorrência das unidades retóricas nas diversas posições de ocorrência. Nesse sentido, o “padrão” desenhado na presente pesquisa não representa uma estrutura composicional prioritária utilizada na distribuição das informações por parte dos jornalistas, tendo em vista que o estilo individual de conduzir a argumentação aponta para uma flexibilidade significativa no modo como se organizam as unidades retóricas.

Um outro aspecto que pode ser destacado na presente pesquisa é que a descrição das unidades retóricas revelou a função comunicativa de editoriais de jornais, de modo a confirmar a concepção de gênero de Swales (1990) como uma classe de eventos comunicativos que tem propósitos comunicativos específicos e variam em sua prototipicidade.

¹² Considera-se imbricamento quando uma unidade retórica está intimamente ligada à outra numa mesma porção textual, tornando, portanto, difícil delimitar onde começa uma e onde começa a outra.

Ressalta-se esses dois pontos abordados por Swales (1990) porque se considera que o propósito comunicativo de convencer o interlocutor de um determinado ponto de vista constitui-se a base lógica em editoriais, apesar da variação com que foram conduzidas as informações nos exemplares analisados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. D. **Lexical signalling**: a study of unspecific-nouns in book reviews. 1996. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BEZERRA, B. G. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BRITO, S. **A argumentação e a perlocução no discurso jornalístico: o editorial**. 1994. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Poéticas Visuais) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, São Paulo.
- GAVAZZI, S. C.; SANTOS, L. W. dos; PAULIUKONIS, M. A. L. **Jornal televisivo: estratégias argumentativas na construção da credibilidade**. In: CARNEIRO, A. D. (Org.). **O discurso na mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.
- LAGE, N. **Textos de opinião**. Disponível em <[http://www.jornalismo.ufsc.br/banco de dados/didativo.html](http://www.jornalismo.ufsc.br/banco_de_dados/didativo.html)>. Acesso em: 01 jun. 2003.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. Uma análise transdisciplinar do gênero “abstract”. **Intercâmbio**, n.7, p. 125-134, 1998.
- NASCIMENTO, K. R. de S. **A macroestrutura argumentativa de editoriais do Jornal do Brasil**. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, H. F. Contribuição ao estudo de organização do discurso: análise de um texto jornalístico. In: CARNEIRO, A. D. (Org.). **O discurso na mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.
- RIBEIRO, P. F. N. Estratégias de persuasão e de sedução na mídia impressa. In: GAVAZZI, S.; PAULIUKONIS, M. A. L. **Texto e discurso - mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- SANTOS, M. B. **Academic abstracts: a genre analysis**. 1995. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, M. G. C. **Notícia e reportagem:** uma proposta de distinção. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SOUSA, S. C. T. de. O estudo da organização textual argumentativa em editoriais de jornais. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SWALES, J. M. **Genre analysis:** English in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

_____. **“Repensando gêneros:** uma nova abordagem aos efeitos da comunidade discursiva”. Comunicação apresentada no “Re-thinking genre colloquim”, realizado na Universidade de Carleton, Ottawa, em abril de 1992 (Texto não publicado).